



SOUZA, Maria Cristina Souza Brito..O duplo em cena: criação e memória. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Professora Associada Dramaturga e Diretora teatral.

RESUMO

A pesquisa desenvolvida no espetáculo “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal”, objetivou no episódio da descoberta do amor pela filha do rei Brutus na novela medieval, o teatro como um duplo da vida. Neste artigo analisa-se como a Donzela rememora em rito o amor, através da expressão de ecos da memória que se objetivam no tempo e no espaço numa relação de duplo. O espaço como um dado real ou simbólico e o tempo como manifestação no presente de um passado que, por sua vez, em rito se presentifica. Nesse sentido, a pesquisa procurou a criação de signos que se definem pela estreita relação existente entre a fala e o movimento na construção de um mundo simbólico. Introduce-se assim o espetáculo no universo da poesia no espaço. Através da expressão de ecos da memória a partir da relação de duplo existente no tempo (passado/presente), no espaço (real e simbólico) e no discurso (verbal/gestual), tudo se integra na personagem que se objetiva em memória ritualizada no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; duplo, espaço, tempo, rito.

ABSTRACT

The research developed in the play "Love and the Maiden in the theater of cruelty of the Quest for the Holy Grail", aimed to the discovery of love by the daughter of King Brutus in the novel medieval theater as a double of life. This paper analyzes how the Maid Rite recalls in love, through the expression of echoes of memory that are objectified in time and space in a dual relationship. Space as a given real or symbolic, and in this time as a manifestation of a past which, in turn, becomes present in the rite. In this sense, the study sought to create signs that define the close relationship between speech and movement in the construction of a symbolic world. Thus introduces the show in the universe of poetry in space. Echoes through the expression of memory from the dual relationship exists in time (past / present) in the space (real and symbolic) and speech (verbal / gestural). Everything is integrated in the character of the Maiden that happens in ritualized memory space.

KEYWORDS: Memory, double, space, time, rite

Este trabalho pretende tratar de um espetáculo que contou com a colaboração de três professoras de universidades públicas distintas, no Rio de Janeiro, onde desenvolvem atividades relacionadas às Artes Cênicas e que têm a característica incomum de serem irmãs. Este é, pois, um trabalho sobre um espetáculo que contou com a colaboração acadêmica e artística de três irmãs.

Trata-se do espetáculo “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal”, do qual fui responsável pela dramaturgia, repertório sonoro e pela encenação e que teve como intérprete Maria Inês Galvão, professora de Dança do Departamento de Artes Corporais da UFRJ e na Direção de Movimentos contou com a colaboração da professora do Instituto de Artes da UERJ Maria Lucia Galvão.

Foi apresentado no Teatro Odylo Costa Filho na Uerj, para alunos da graduação e da Pós Graduação em Letras, como também foi apresentado na sala Esther Leão na Escola de Teatro da Unirio para alunos, professores da UNIRIO e do Instituto de Artes Corporais da UFRJ. A dramaturgia do espetáculo é inspirada na versão portuguesa da novela cavaleiresca *A demanda do Santo Graal*, e é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida junto ao programa de Pós Graduação em Letras da UERJ. A concepção do trabalho busca estabelecer uma relação dialógica entre o tempo passado, vivido pela personagem protagonista, a Donzela, e o tempo presente, responsável pela ritualização do passado. Toda essa relação temporal se estabelece através da vivência da descoberta amorosa pela Donzela, filha do rei Brutos que busca na encenação do ritual tornar sempre presente a descoberta do amor.

Diante da impossibilidade da realização amorosa, a Donzela eterniza a sua descoberta do amor através do exercício de um ritual que irá “re-presentar”, tornar presente, ciclicamente, o momento da vida que ela não pretende esquecer. A evocação da memória se dá pela encenação ritualística da descoberta amorosa como um duplo do tempo, do espaço e da vida. Nesse sentido, a encenação da Donzela traz à tona a memória medieval de cantigas trovadorescas que criam a ambientação sonora para todo o ritual, em diálogo com o texto medievo, o da novela de cavalaria *A demanda do Santo Graal*.

Por outro lado, o texto adquire o caráter da contemporaneidade na sua perspectiva de encenação, o que vai remetê-lo para a poética da crueldade de Antonin Artaud. O caráter ritualístico presente na natureza do texto o dimensiona no espaço do duplo, onde se encontra o teatro da crueldade, duplo da vida.

Possuída pelo sentimento amoroso como que vitimada por uma peste que a faz mergulhar no sofrimento pela impossibilidade de vivê-lo, sofrimento que age sobre a donzela como a crueldade de que nos fala Artaud, a princesa se insere no espaço mítico e metafísico do ritual. A peste, a metafísica e a crueldade são para Antonin Artaud duplos do teatro, sendo assim no espaço do duplo que a encenação da Donzela se ritualiza.

Nesse espaço do duplo a filha do rei Brutos é acometida pela vivência dos seus duplos, representantes da mentalidade medieval, dos quais se destacam seu pai, o rei Brutos, a sua ama e o herói cavaleiro Galaaz.. Esses duplos irão estabelecer o conflito interno com que se depara a Donzela, esclarecendo-lhe a impossibilidade de amar o cavaleiro por quem se apaixonou.

A pesquisa repousa, desta forma, na criação de uma dramaturgia a partir de fragmentos da novela e de pensamentos do artista e teórico francês Antonin Artaud. O diálogo medievo-contemporâneo é possível através da encenação. Nesse sentido ocorre a descoberta ritualizada do amor pela Donzela e nessa perspectiva as relações de duplo se estabelecem e se marcam como repetição: de gestos, de falas, de afetos, de movimentos, etc., revelando o denso conflito interno por que passa a Donzela.

A re-presentação ritualística da descoberta amorosa acontece no espaço como explosões fragmentadas de ecos da memória. Ecos que se originam em outro

tempo e espaço. Ecos que se estruturam em uma relação de duplo onde o ritual é o duplo da vida.

O espaço é um cômodo onde se encontram os elementos do ritual a ser desenvolvido. Um genuflexório, duas cadeiras. Um pequeno altar à frente com uma espada e um cálice. Outros cálices se dispõem no espaço, juntamente com um grande boneco construído pela donzela. Ele é o duplo do amado. Como o cálice é o duplo do Graal. O rito da descoberta do amor se inicia com a entrada da Donzela no espaço. A partir daí, rito e encenação se confundem e todos os signos estabelecem a relação de duplo, porque são revelações ou ecos da memória que dialogam como um duplo da vida, no tempo e no espaço. Tempo e espaço que deixam de pertencer ao real objetivo e se estendem, pelo imaginário subjetivo. E adquirem uma conotação mítica. O rito da Donzela tem uma natureza simultaneamente escatológica e cosmogônica.

O rito da Donzela é um mito escatológico que conduz tudo para um trágico fim, e por outro lado, é também um mito cosmogônico, pois o fim implica em novo recomeço do ritual no qual a morte ritualizada perde o caráter de realidade e entra na dimensão simbólica.

Dessa maneira o eu da donzela se estrutura como uma memória corporal e afetiva cujos gestos são a expressão simbólica de um tempo mítico primordial, o da descoberta amorosa.

Nesse sentido, como sacerdotisa da cerimônia, narrando e vivendo a princesa apaixonada, a Donzela busca ter os seus afetos esculpido em signos no espaço. Signos que mantêm estreita relação entre a fala e o movimento, construindo um mundo simbólico que se atualiza em encenação ritualizada. Dessa forma o personagem da Donzela é a objetivação da memória ritualizada numa encenação que estrutura a construção de um mundo simbólico expresso em signos no espaço.

Desse modo, na encenação acontece a “presentificação” de um fato passado da vida, instaurando um universo de natureza simbólica que se caracteriza pelo mito do duplo, isto é, pela relação de duplo no tempo (passado/ presente), no espaço (real e simbólico) e no discurso (verbal/ gestual).

Essa encenação ritual se fragmenta como ecos da memória que transformam passado em presente, real em imaginário, objetivo em subjetivo, e que estruturam no presente um mundo simbólico como duplo da vida.

Essa transformação do real promovida pelo imaginário da Donzela e que estabelece toda a linguagem ritualística da cena, ao ressignificar o real, atribui aos signos da encenação sentidos que transcendem seus significados habituais. Ocorre na cena a anarquia pela transmutação de sentido dos signos no espaço. Dessa maneira gestos, objetos, falas, ações, vão adquirir outros sentidos de natureza simbólica e que vão ser instaurados dentro do conjunto de relações estabelecidas pela encenação. É na relação entre os signos que os significados se revelam e, no estabelecimento dessa relação, no ritual da Donzela, a memória é de fundamental importância, determinando a natureza das relações semânticas, instaurando novos sentidos. Nesse espaço de

demolição de sentidos estabelecidos e de emergência de novos sentidos encontra-se, seguindo o pensamento de Artaud, o universo da poesia.

Assim, quando Maria Lúcia Galvão, Maria Inês Galvão e eu encenamos “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal”, buscamos estabelecer a poesia no espaço pela íntima relação existente entre a fala e o movimento, partindo da ideia de que tudo seria uma grande partitura de sentidos regidos pelos ecos da memória e assim, são signos edificadores da poesia no espaço. Desta forma a encenação buscou a integração entre o gesto e a fala procurando estabelecer um diálogo dos ecos de movimentos com os ecos da fala, evocando novos sentidos que nortearam a encenação ritualística da Donzela através da sua memória.

Referências bibliográficas:

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

----- . *Linguagem e Vida*. São Paulo: Perspectiva. 1995.

Manuscrito de século XIII: *A Demanda do Santo Graal*. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1988.